REVISTA DIÁLOGOS MEDITERRÂNICOS
ISSN: 2237-6585

MEMÓRIAS E MATERIALIDADES DO TEMPO. UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE DOCUMENTOS TEXTUAIS E MATERIAIS SOBRE O BATISMO DE JESUS POR JOÃO, O BATISTA

MEMORIES AND MATERIALITIES OF TIME. A COMPARATIVE STUDY OF TEXTUAL AND MATERIAL DOCUMENTS ON THE BAPTISM OF JESUS BY JOHN THE BAPTIST

ANDRÉ LEONARDO CHEVITARESE
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
DANIEL BRASIL JUSTI
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA)

RESUMO

Há um interessante processo histórico que transformou um fato histórico constrangedor – o batismo de Jesus por João, o Batista –, em uma narrativa domesticada, consolidada a partir do terceiro quartel do século III. Enquanto as narrativas textuais do século I buscavam dar conta dos possíveis constrangimentos trazidos por uma incômoda lembrança contida na memória do batismo de Jesus (especialmente aquela relacionada ao arrependimento dos pecados), a ação da autoproclamada ortodoxia cristã, a partir do século II, foi o de garantir a sua domesticação, transformando o batismo de João num ritual que significava a morte e o renascimento para uma nova vida cristã.

PALAVRAS-CHAVE: PALEOCRISTIANISMO; JOÃO O BATISTA; JESUS; BATISMO.

ABSTRACT

There is an interesting historical process that transformed an embarrassing historical fact – the baptism of Jesus by John the Baptist –, into a domesticated narrative, consolidated from the third quarter of the third century onwards. While the textual narratives of the 1st century sought to deal with the possible constraints brought about by an uncomfortable memory contained in the memory of the baptism of Jesus (especially that related to the repentance of sins), the action of the self-proclaimed Christian orthodoxy, from the 2nd century onwards, was that of guaranteeing its domestication, transforming John's baptism into a ritual which signified death and rebirth into a new Christian life.

KEYWORDS: PALEOCHRISTIANITY; JOHN THE BAPTIST; JESUS; BAPTISM.

1. QUESTÕES INICIAIS E INTRODUÇÃO DA PROBLEMÁTICA

Não há como se esquivar de uma problemática recorrente para estudiosos e/ou religiosos de tipo cristão como uma questão recorrente a busca pelas imagens e contextos visuais sobre o Movimento de Jesus com Jesus, os Movimentos de Jesus sem Jesus e outros eventos correlatos. Por outro lado, parece haver uma predominância significativa (e incômoda) das informações textuais sobre as imagéticas ou materiais. Trata-se de um problema metodológico que precisa ser enfrentado. A documentação histórica e, como resultado, o conhecimento histórico daí produzido, tende a ser parcial e incompleto se tomados como única evidência as fontes textuais. A cultura material, portanto, significa um importante *corpus* que pode, ou não, informar sobre determinados episódios em consonância com a documentação textual. Fazer esse enfrentamento é tarefa importantíssima na agenda científica acadêmica.

Os momentos de representação imagética dos eventos/fenômenos ligados aos cristianismos podem envolver os períodos (i) das mais antigas representações, naquele momento que chamamos de paleocristianismos (entre os séculos I e III, onde a separação entre o que são Judaísmos, Cristianismos e Politeísmos é absolutamente opaca)[1]; (ii) o período de consolidação da autoproclamada ortodoxia (tomando como referência Constantino e o Concílio de Nicéia em 325 e a oficialização do cristianismo como religião oficial do Império com Teodósio, em 380), portanto, majoritariamente, o século IV; (iii) e outros períodos como uma primeira Idade Média (séculos V-VIII) tendo as representações ganhado outros contornos, sobretudo com aquelas de crucificação ou onde o elemento "cruz" é mais visível e significativo; períodos posteriores de maior consolidação da cristandade, levando-se em conta aí, a reforma iconoclasta do oitavo século, o Cisma Oriente/Ocidente do século XI, Reforma Protestante do século XVI e Renascimento até os impactos de uma produção racializada[2] e aquele período mais contemporâneo (finas do século XIX em diante) com o advento do cinema[3].

[1] Finney (1994: 104-132) apresenta argumentos interessantes para essa "invisibilidade" dos paleocristãos. Segundo ele, os "cristãos" não tinham distinção de idioma, nacionalidade, seus ritos de entrada em grupos eclesiásticos eram restritos e estavam plenamente adaptados ao ambiente greco-romano, de sorte que a distinção desse pequeno grupo era imperceptível. Menciona ideias como *ethnos* e cultura, apontando que um elemento central – a cultura material – se existiu, se perdeu. Mais à frente, pp.146ss aponta como a crise do III século no Império romano foi um momento apropriado para o surgimento dessa distinção que defende nas páginas precedentes. A "adaptação seletiva" que grupos paleocristãos teriam empreendido no desenvolvimento de sua própria iconografia estabelece interfaces importantes com os judaísmos já estabelecidos pela adoção de figuras como Isaque, Jonas, Moisés, etc.. FINNEY, Paul Corby. The invisible God: The Earliest Christians on Art. Oxford University Press, 1994.

[2] Sobre essa temática, cf. CHEVITARESE, A. L. e JUSTI, Daniel Brasil. O Jesus Ariano. O imaginário e as concepções historiográficas do Jesus Histórico na Alemanha Nazista. HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 15, n. 45, pp. 188-205, 2017.

[3] Para uma leitura sistematizada do primeiro momento das representações de Jesus no cinema, ver CHEVITARESE, A. L. Jesus no Cinema. Um balanço histórico e cinematográfico entre 1905 e 1927. Rio de Janeiro: Kliné Editora, 2013. pp. 8-46.

No período que chamamos de paleocristianismos reside grandes controvérsias, muitos interesses, até mesmo de curiosidades, mas também algumas distinções tão necessárias quanto mais originárias, esse período envolve os séculos I-III. Para o caso do século I, o Movimento de Jesus com Jesus e os Movimentos de Jesus sem Jesus são ínfimos em expressão. Se algo foi produzido imageticamente daí, se perdeu. Para o caso do século II, os Movimentos de Jesus sem Jesus ainda eram inexpressivos em tamanho diante da totalidade de outras experiências religiosas contemporâneas; os aderentes a essa ideia sequer tinham pontos de referência textual na imensa maioria das partes do território romano, pois o conjunto de materiais textuais que posteriormente viriam a compor o cânon neotestamentário sequer conheceram suas versões finais; a circulação de textos em uma sociedade majoritariamente iletrada era (quase) nulo.

Marco Minúcio Félix, em *Otávio* 29:6, muito próximo à Apologia de Tertuliano (este escrito no ano 197) respondia a críticas de que as representações de cruzes não deveriam ser adoradas (BALCH[4], 2003:107). A referência é citada por Robin Margaret Jansen que, inclusive, também cita Tertuliano, em *Contra Marcião* 3:22, onde há a recomendação que se trace o símbolo da cruz na fronte em todas as ações da vida cotidiana (BALCH, 2003:107, nota 92). Isso pode apontar para um indício interessante sobre a produção de imagens com teor próximo aos cristianismos em finais do século II.

Para o caso do século III, então, há grande difusão de representações imagéticas, sobretudo em contextos – ou suportes materiais – consistentes a ponto de sobreviver à ação do tempo. Essas representações ganham tanto espaços públicos[5], quanto contextos funerários e cotidianos. Para esses dois últimos casos, o material que segue neste artigo evidenciará seus usos com alguns exemplos para análise.

2. A APRESENTAÇÃO DO *CORPUS* TEXTUAL SOBRE JESUS E JOÃO, O BATISTA

Quando se coloca a questão sobre os vestígios mais antigos sobre Jesus (e não de Jesus!), indiscutivelmente deve-se apontar para registros de memória sobre Jesus nos textos, assim chamados, cristãos. Esses são os artefatos mais antigos que se referem a Jesus de maneira inequívoca. Alguns

[4] BALCH, David L. and OSIEK, Carolyn (Ed.). Families in Context. An interdisciplinary dialogue. William B. Eerdmans Publiching Company and Grand Rapids: Michigan / Cambridge, 2003.

[5] Um trabalho que apresenta esse contexto imagético pode ser encontrado em CHEVITARESE, A. L. e JUSTI Daniel Brasil. Jesus e a mulher samaritana. O Evangelho do Discípulo que Jesus amava e as Experiências Cotidianas no Mediterrâneo. In: GARCÍA SÁNCHEZ, Manel y GARRAFFONI, Renata Senna (Ed.). Mujeres, género y estúdios clásicos: um diálogo entre España y Brasil = Mulheres, gênero e estudos clássicos: um diálogo entre Espanha e Brasil. Universitat de Barcelona Edicions e Editora UFPR: Barcelona e Londrina, 2019. pp. 321-334.

outros suportes materiais corolários podem ser referências indiretas a seres humanos que viveram na Judeia do século I, mas as camadas textuais que nos restaram são o primeiro passo.

Portanto, cumpre aqui dispor dessas camadas textuais que se referem ao batismo de Jesus operado por João, o Batista, com a ressalva de que Paulo (e suas sete cartas autênticas ainda no século I) silencia sobre esse episódio (ver Tabela I):

TABELA I. PASSAGENS RELACIONADAS AO BATISMO DE JESUS POR JOÃO, O BATISTA.

Referências[6]	Texto
Ev.Heb. 2	Jesus sai das águas, o "Espírito Santo" desce sobre ele, se mantém nele e diz que desde os profetas aguarda o momento em que poderia habitar em Jesus.
Mc 1:9-11	Jesus vem de Nazaré e é batizado por João no rio Jordão; quando sai da água, Jesus vê o céu se abrindo e o "Espírito" desce sobre ele em forma de pomba.
Mt 3:13-17	Jesus vem da Galiléia para ser batizado por João no rio Jordão; João se opõe ao ato de Jesus; Jesus insiste e é batizado; ao sair da água, os céus se abrem e o "Espírito de Deus" desce sobre ele em forma de pomba; uma voz do céu diz: "este é meu filho amado, nele me comprazo".
Lc 3:21-22	"Todo o povo" estava sendo batizado, inclusive Jesus; e quando ele estava "orando o céu se abriu" e o "Espírito Santo" desceu sobre ele "em forma corpórea" como uma pomba; uma voz do céu diz "este é meu filho amado em quem me comprazo"
Ev.Naz. 2	A mãe de Jesus diz a ele e seus irmãos para que todos fossem até João, o Batista pois seriam batizados como remissão de pecados; Jesus disse a seguir: "onde eu pequei para que se justifique meu batismo por ele?"; e termina com o reconhecimento da parte de Jesus que aquilo que dissera era uma ignorância (ou o pecado da ignorância)
Ev.Eb. 3[7]	O povo estava sendo batizado e Jesus foi também ao local; quando sai das águas, o céus se abriram e ele viu o "Espírito Santo" em forma de pomba que desceu sobre e entrou nele; uma voz veio do céu: "este é meu filho amado, nele me comprazo"; uma grande luz rodeou o local e João perguntou quem Jesus era, novamente a voz que veio do céu disse: "este é meu filho amado, nele me comprazo"; João se ajoelhou diante dele e implorou para ser batizado, mas Jesus disse a ele que aceitasse a situação, pois era necessário que toda profecia deveria ser cumprida.
Jo 1:32-34	João, o Batista disse que vira o "Espírito" descer sobre Jesus como pomba e repousar sobre ele; João afirma não conhecer Jesus, mas disse que fora ordenado a batizar com água, porém sobre aquele que descesse e repousasse o "Espírito", este, então, seria o que batiza com o "Espírito Santo"; João disse que viu todas essas coisas e testemunha que Jesus é o Filho de Deus.
In. Esm 1,1	Jesus foi batizado por João para que se cumprisse "toda justiça".

[6] CROSSAN, J. D. O Jesus Histórico. A Vida de um Camponês Judeu do Mediterrâneo. Rio de Janeiro: Imago, 1994. pp. 475-476; CHEVITARESE, A. L. Jesus no Cinema. Um balanço histórico e cinematográfico entre 1905 e 1927. Rio de Janeiro: Kliné Editora, 2013. pp. 8-46. p. 161. Todas as referências bíblicas neste texto constam em Bíblia de Jerusalém. Nova Edição, Revista e Revisada, São Paulo: Paulus, 2002.

[7] Na obra consultada, o passo em que é mencionado o episódio do batismo é o 3, ver SCHNEEMELCHER, Wilhelm (Ed.). New Testament Apocrypha. Gospels and Related Writings. Vol. 1. James Clark & Co. and Westminster Jhon Knox Press: Louisville / London, 2003. p.169.

In. Ef. 18:2	Jesus foi gerado e batizado em água para que a purificasse.
1 Jo 5:6-8	Jesus veio ao mundo por meio de água e sangue; o "Espírito testifica", o "Espírito é a verdade"; no céu "o Pai, a Palavra e o Espírito Santo são um"; na terra "o Espírito, a água e o sangue são um".

Crossan (1994:465-486), apresenta um inventário da tradição de Jesus através da estratificação cronológica e de testemunhos independentes, apresentados na tabela I. Para o caso em tela, do batismo de Jesus, há três categorias de testemunhos independentes:

(i) Evangelho dos Hebreus;

(ii) Os testemunhos estão subdivididos em cinco momentos: (ii.1) Mc 1:9-11; Mt 3:13-17; Lc 3:21-22; (ii.2) Evangelho dos Nazarenos; (ii.3) Evangelho dos Ebionitas; (ii.4) Evangelho de João; e, (ii.5) Carta de Inácio aos Esmirnenses; e

(iii) Carta de Inácio aos Efésios.

A inserção de 1Jo 5:6-8 no quadro é uma iniciativa nossa em apontar para uma camada mais tardia que busca conferir sentido teológico sistemático à incômoda ideia de um Jesus batizado.

Convém, ainda, mencionar que a passagem de 1Jo 5:7-8 aparece apenas em edições posteriores à *Vulgata* e manuscritos gregos minúsculos bem tardios, adicionalmente, no período moderno, após a terceira edição do Novo Testamento grego de Erasmo, passou a fazer parte de edições mais recentes do Novo Testamento. O texto de 1Jo 5:6, todavia, parece ser contemporâneo à redação final do Evangelho de João (KOESTER[8], 2005: 211-212).

Implica, portanto, concluir: (a) há uma atestação triplamente independente do episódio do batismo; e, (b) no interior do segundo grupo de testemunhos há dependência entre os cinco relatos. As camadas evoluem no sentido de consolidar uma ideia sobre o Jesus batizado (ver Tabela II):

TABELA II. PROCESSO DE CONSOLIDAÇÃO DA NARRATIVA DE JESUS BATIZADO POR JOÃO, O BATISTA.

Blocos	Referências	Camadas que se acumulam
1	Ev.Heb. 2	Saída das águas | Presença do "Espírito Santo"
	Mc 1, 9-11	Geografia de Jesus e João | céu se abre | pomba
2	Mt 3, 13-17	Jesus resiste ao batismo | há uma voz que vem do céu
	Lc 3, 21-22	Todo o povo está sendo batizado por João

[8] KOESTER, H. Introdução ao Novo Testamento. 2 Volumes. São Paulo: Paulus, 2005.

	Ev.Naz. 2	Batismo como remissão de pecados | Jesus questiona, pois não se vê como pecador, embora admita ser esse o pecado
	Ev.Eb. 3	Uma grande luz aparece no ambiente[9] | João implora para ser batizado por Jesus
	Jo 1,32-34	Jesus é quem batiza com o Espírito Santo, João só com água
	In. Esm 1,1	Toda "justiça" deve ser cumprida, inclusive o batismo
3	In. Ef. 18,2	Jesus gerado e batizado em água para purificação
4	1 Jo 5,6-8	"Espírito" é o agente metafísico que legitima o processo

A representação gráfica acima, destaca, em cada linha, uma "etapa" da construção da relação entre Jesus, João, o Batista e o episódio do batismo. Nesse processo deve ser bem entendido que ele apresenta as singularidades de cada narrativa textual. Se tomarmos como referência os 4 blocos propostos, nota-se, em cada passo, a construção particular sobre o que se deve "ler" naquele episódio. Não é um processo cumulativo, pois os 3 primeiros blocos são independentes. Apenas no interior do segundo bloco é possível ver como cada autor escolhe evidenciar alguns dados e silenciar sobre outros. A sistematização também envolve a percepção de cada um dos cristianismos que tratou da temática, seja pela repetição, acumulação ou singularidade dos registros.

A leitura desse material parece sugerir três aspectos históricos ligados ao Jesus histórico propriamente dito: (i) Jesus estaria de acordo com a pregação de João, sobretudo com a necessidade de conversão e batismo para remissão de pecados; (ii) os primeiros seguidores de Jesus vieram do círculo bastante próximo de João Batista; e, (iii) uma das primeiras ações dos discípulos de Jesus foi batizar, mesmo que houvesse uma controvérsia em torno do tema (Jo 3:22-4:1 e sua interpolação grosseira em Jo 4:2).

Esse cenário quer indicar que Jesus pertencia, inicialmente, ao círculo mais próximo de João, sendo ele um discípulo do Batista, e não o contrário. Implica dizer, a principal figura messiânica que domina o cenário judaico do final dos anos vinte e primeira metade dos anos trinta do século I é João Batista e não Jesus. O seu carisma e a sua autoridade, junto às camadas populares judaicas, o tornaram uma ameaça real aos poderes constituídos. A memória construída após a sua morte era de tal ordem impactante que entre o final do século I e primeira metade do século II, o Batista ainda era objeto de intensa discussão dentro e fora dos círculos cristãos.

Pode-se afirmar, com muita segurança, que uma das principais tarefas enfrentadas pelos mais antigos evangelistas cristãos foi o de tornar João seguro e confiável aos Movimento de Jesus sem

[9] Essa cena parece ter sido inspiração para um entalhe em marfim do século VI e.c. em que a mão de Deus e a pomba, no céu, estão rodeadas por contornos de luz brilhante. Uma figura angélica (?) ou a mãe de Jesus (?) articula a ideia com Ev. Naz. 2. Embora haja alguma identidade nesses textos, Jesus ser representado como criança afasta a representação das narrativas canônicas.

Jesus; foi o de fazê-lo palatável às antigas comunidades cristãs; foi o de domesticá-lo, posto que ele estava, a partir daquele momento em diante, subordinado para sempre à figura de Jesus, não apenas aos antigos, como também aos atuais seguidores do Nazareno.

3. A APRESENTAÇÃO DO *CORPUS* MATERIAL SOBRE JESUS E JOÃO, O BATISTA

Da mesma maneira em que se construíram camadas, ao longo do tempo, nas versões textuais do episódio do batismo de Jesus, do ponto de vista metodológico do trato da documentação e construção do conhecimento histórico, é mister investigar como as recepções dessas narrativas se materializaram em imagens a partir de distintos suportes materiais. A seguir, alguns são apresentados sinteticamente.

3.1: A informação em suportes materiais de uso cotidiano (gemas, selos, pingentes, camafeus, etc): esse grupo de materiais, apresentado aqui em dois exemplos, se trata de imagens gravadas em rocha e metal, respectivamente. Para o primeiro caso, se trata de um pingente, usado comumente em cordões ao redor do pescoço. Trata-se de um material bastante cotidiano e, dentre outras características, com propriedades mágicas[10], para além daquela ornamental.

[10] Sobre o uso mágico de amuletos, pingentes, gemas, etc., cf. CHEVITARESE, A. L. Judaísmo, Cristianismo e Helenismo: Ensaios acerca das interações culturais no Mediterrâneo Antigo. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2007; JUSTI, D. B. Paulo de Tarso como Homem Divino (THĚIŌS ANĒR): paleocristianismo no Mediterrâneo antigo. Rio de Janeiro: Autografia, 2015.



Imagem 1: Cena de batismo de Jesus por João Batista

Descrição (Beazley [11], 2018): O batismo. Jesus de pé no Rio Jordão e seu batismo por João, enquanto o Espírito Santo em forma de pomba desce[12].

Localização: New York, Metropolitan Museum, inv. 31.123. Rocky crystal, 28 x 19 mm.

O catálogo apresenta uma descrição bastante sumarizada do pingente. Para além das informações repletas de filtros de leitura (e já sabemos que advém do senso comum de leitura textual do material exposto acima) há outros elementos que demandam mais detalhamento. O catálogo estabelece uma datação aproximada entre os séculos III-VI. Jensen[13] (2011:87) aponta para a raridade dessas representações imagéticas e como elas foram evoluindo em forma e detalhes a partir de desdobramentos de concepções teológicas sobre o batismo. A proveniência é genericamente apontada como as regiões da Síria-Palestina. Do ponto de vista da literalidade da leitura do material é possível observar:

(i) ao redor do pingente, é possível notar 4 presilhas que fazem a aderência entre a rocha cristalizada e o material de suporte (ver os círculos amarelos);

[11] BEAZLEY. Late Antique, Early Christian and Jewish gems: 3rd and 4th centuries – inscriptions. 2018. Disponível em: https://www.beazley.ox.ac.uk/gems/styles/late-antique/default.htm.
[12] Tradução pessoal de: The Baptism. Jesus stands in the River Jordan and is baptized by John, while the Holy Spirit in the form of a dove descends.
[13] JENSEN, Robin M. Living Water. Images, Symbols and Settings of Early Christian Baptism. Leiden and Boston: Brill Academic Pub, 2011.

(ii) a seta amarela aponta, no quadrante superior esquerdo da imagem, uma pomba com a cabeça voltada para baixo, isso quer indicar um movimento de cima (céu) para baixo (onde está uma pessoa);

(iii) ainda no quadrante superior esquerdo da imagem há uma cruz (ver quadrado em amarelo);

(iv) ao centro da imagem, há duas figuras humanas; a maior delas – não há dúvidas de que é mesmo João Batista – está voltado para a esquerda, as duas mãos impostas sobre a cabeça da figura humana menor, traja uma veste amarrada na altura da cintura e é imberbe; a outra figura humana – a cabeça aureolada indica ser Jesus – também está voltado para a esquerda e, dada a proporção entre as duas figuras humanas, Jesus é representado como uma criança[14]. Essa é, conclusivamente, uma particularidade que esse tipo de material apresenta (JENSEN, 2011: 88).

(v) aos pés de Jesus e João Batista, bem como ao fundo, há traços indicando estarem no rio.

Algumas observações adicionais implicam em assumir que se trata de um material muito mais raro do que aqueles em contexto funerário, mas chama a atenção o fato de ser um objeto de uso cotidiano, a cruz aparece no contexto do batismo, ou seja, isso revela um processo de elaboração teológica mais intenso (BALCH, 2003:107ss; JENSEN, 2011: 87ss) e o fato de Jesus ser representado como uma criança. A pomba, cruz e auréola em Jesus, mas não no Batista (!) querem indicar uma evidente centralidade no elemento teológico que desqualificam João e colocam Jesus em nítido protagonismo.

3.2: A informação em suportes materiais de uso cotidiano (gemas, selos, pingentes, camafeus, etc): a imagem a seguir é uma gravação em pedra sárdio, de datação incerta (FINNEY[15], 2017:160-161), que pode ter sido usada como anel/selo/gema decorativa.

[14] Finney (2017: 158) aventa a hipótese de que as representações de Jesus como criança podem estar ligadas à noção de rito iniciático. No entanto, nas representações imagéticas apresentar Jesus como criança aponta para um momento diferente da vida dele em que começa seu ministério público, como fazem crer os Evangelhos canônicos. Nas figuras 1 a 5 do verbete de Finney, a representação é de Jesus como criança, mas não deixa de apontar essa aparente contradição entre informações de textos evangélicos e iconografia. FINNEY, Paul Corby. Baptism: Iconography. In: _____ (Ed.). The Eerdmans Encyclopedia of Early Christian Art and Archaeology. Volume 1 A-J. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 2017.

[15] FINNEY, Paul Corby. Baptism: Iconography. In: _____ (Ed.). The Eerdmans Encyclopedia of Early Christian Art and Archaeology. Volume 1 A-J. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 2017.



IMAGEM 2: CENA DE BATISMO DE JESUS POR JOÃO BATISTA

Descrição (Beazley, 2018): O batismo de Jesus[16].

Localização: Oxford (Fortnum 71). Cornelian, 14 x 11 mm.

Novamente, o catálogo disposto em Beazley é econômico na descrição. A descrição de imagem é a que segue:

(i) as duas figuras humanas estão dentro da água; as pernas estão submersas abaixo da altura dos joelhos (FINNEY, 2017: 160);

(ii) a figura humana menor é identificada como Jesus pela presença da pomba em cima de sua cabeça; ele está em posição orante (FINNEY, 2017: 160);

(iii) João Batista, adulto, impõe as duas mãos sobre o menino, no entanto, elas não estão sobre a cabeça de Jesus, mas sobre os seus ombros.

A literatura admite ineditismo da representação e uma singularidade marcante na representação da cena. É digno de destaque, mais uma vez, que Jesus é uma criança, pois é menor na imagem, imberbe e outras representações indicam esse contexto de entendimento de uma criança. Em outras representações a criança Jesus também aparece nu (FINNEY, 2017: 159-160).

[16] Tradução pessoal de: The Baptism of Jesus.

3.3: A informação em suportes materiais em contexto funerário.

Sarcófago de Santa Maria Antica, Roma, datado do ano 275, construído em mármore com veios brancos.



Imagem 3. Entre outras representações de histórias pertencentes ao ciclo de Jonas, orante, bom pastor, encontra-se o batismo de Jesus por João, o Batista (Testini[17], 1966).

A descrição de imagem é a que segue:

(i) as duas figuras humanas estão em ambiente aquoso; os pés e parte da canela de um deles está imerso, enquanto o outro está sobre pedras;

(ii) a figura humana menor é identificada como Jesus pela presença da pomba;

(iii) João Batista, adulto, impõe uma de suas mãos sobre Jesus.

Ao menos do ponto de vista imagético, o esquema que apresenta o batismo de Jesus está plenamente consolidado, com a representação de quatro elementos constitutivos: João, o Batista; Jesus; pomba (Espírito Santo); elemento aquoso, simbolizando o Rio Jordão. Trata-se de uma representação rara em sarcófagos cristãos. Aqui também Jesus foi representado como uma criança.

[17] TESTINI, P. Le Catacombe e Gli Antichi Cimiteri Cristiani in Roma. Bologna, Capelli editore, 1966.

4. COMENTÁRIOS CONCLUSIVOS

A documentação textual e material apresentam informações distintas e, ao longo do tempo, buscaram harmonizar-se e dirimir as eventuais divergências. Há um discurso vencedor e uma percepção, sobretudo imagética, que consolida uma informação que nasce na pluralidade de percepções, mas assenta-se numa pretensa singularidade que silencia as divergências da autoproclamada ortodoxia.

O percurso metodológico empreendido por este texto quer indicar uma proposta de enfrentamento da questão de reconstrução das experiências paleocristãs ou dos movimentos de Jesus sem Jesus nos primeiros séculos da Era Comum. De imediato, convém considerar as duas tipologias de documentação com distintos suportes materiais: textual e imagética. Não se deve perder de vista a imensa maioria de não letrados na Bacia Mediterrânica em contexto temporal aqui já enunciado. Bem como, não se pode subestimar a produção escrita, uma vez que ela é resultado de intensas e longas elaborações teológicas que visam inculcar ideias e valores.

Hobsbawm[18] (2008:9), por "tradição inventada", afirma que

> se entende um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.

É de se admitir, como já exposto no presente texto, que as referências de cultura material ganham suas representações bem mais tardiamente em relação aos documentos que construíram tal compreensão teológica. Ou, como pensamos, seria melhor falar em domesticação dos fenômenos históricos nos termos de uma ideia controlada pela autoproclamada ortodoxia. Assim, a reprodução de passagens que narram o episódio do batismo, cumprem esse papel de ritualizar simbolicamente os valores e normas de comportamento através da repetição para que a ligação com o passado apropriado seja então efetivada.

Por fim, continua Hobsbawm (2008:9), sobre a expressão "tradição inventada":

> O termo "tradição inventada" é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as "tradições" realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo (...) e se estabeleceram com enorme rapidez.

[18] HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

As tabelas I e II foram eficazes nesse sentido, qual seja, de demonstrar que os testemunhos independentes de produção textual e reflexão para a formatação de uma "teologia da história", gradativamente, domesticasse a incômoda memória de (i) um candidato messiânico batizado (a Torá nunca "previu" que "seu Messias" deveria se confessar pecador e/ou adotar o rito de remissão; e, (ii) a vinculação de Jesus a um movimento carismático popular anteriormente ao próprio movimento que viria após sua execução pelas autoridades romanas.

Assim, como não chegou até o tempo presente nenhuma representação imagética sobre esse episódio entre os séculos I e II (quiçá III), é plausível supor que as memórias e recensões escritas na Bacia Mediterrânica conformaram a noção de um batismo de Jesus repleto de filtros de leitura. Ou até mesmo supor (com maior grau de dificuldade de demonstração, é bem verdade) que essas representações imagéticas foram espontâneas, sem guardar relação de dependência com os demais testemunhos. Para este último caso, no entanto, o argumento de autoridade ou a mera retórica são os caminhos possíveis – muito conhecidos, aliás, em tempos de mídias sociais.